botocuda

idéias - cultura - ecologia

Ano 1 Nº 1 Janeiro de 2005 - R$1,98

BOTOCUDOS
Márcio Atschim pesquisa quem eram nossos antepassados

Fala o maestro

Entrevista especial de lançamento com Padre Luciano Laval

IMAGENS
ilustrações iradas de cássio ribas

ricardo loufti, ronaldo sander, fernando martins, sérgio abdulah e deca atschim escrevem sobre música, filmes, botecos, comida, a cidade e o que der na telha

AGORA EM TEÓFILO OTONI
SUA GRANDE OPORTUNIDADE
DE FAZER UM CURSO SUPERIOR

Tecnologia em Administração
Normal Superior
Tecnologia em Marketing
Tecnologia em Turismo

Formação superior centrada num sistema multimídia de transmissão e recepção via satélite, interagindo professores e alunos através da tecnologia de comunicação e informação. Nesta modalidade de ensino a UNOPAR em parceria com o EINSTEIN busca oferecer a aprendizagem interativa, valorizando recursos humanos, utilizando-se de metodolgias inovadoras que promovam a aprendizagem independente.

SISTEMA DE ENSINO EINSTEIN

UNOPAR

33-3522-2556 -- www.unopar.com.br

Autorização: Portaria do MEC 3496/02 - CNE 301/03

Índice

04.....**editorial**

05.....**arquivo**
igor sorel

06.....**escrita**
deca atchim

07.....**imagens**
desenhos de cássio ribas

08.....**musicando**
ronaldo sander

10.....**entrevista**
padre luciano laval

14.....**cinemania**
ricardo louft

16.....**pesquisa**
os botocudos por márcio atschim

18.....**escrita**
fernando martins

19.....**pílulas**
para ver, ouvir e ler

20.....**opinião**
pirataria por fernando martins

21.....**escrita**
ronaldo sander

22.....**útima página**
sérgio abdulah

Botocuda é uma publicação mensal, independente e sem fins lucrativo.
Projeto gráfico: Rose Publicidade
Edição: Sérgio Abdulah
Supervisão: Fernando Martins
Revisão: Beth Joeing
Colaboradores: Ricardo Loufti, Ronaldo Sander, Igor Sorel, Jonny Ribeiro, Cássio Ribas e Márcio Atschim
Contato publicitário: Marta Kazuko
Endereço para correspondência:
Rua Dr Manoel Esteves, 401- centro - Teófilo Otoni - MG - Fone: 3522-5930

A revista não se responsabiliza por conceitos emitidos pelos artigos assinados.

botocuda

editorial

Academia do Peixe, Junho e Julho de 2004.

De um lado da mesa, florescia o desejo de criar um canal que proporcionasse o debate sobre a produção cultural e as idéias gestadas nesta velha Filadéfia, berço da nação botocuda.A proposta já se tornara recorrente. O resgate da história, uma investigação mais aguda de sua gente, seus modos e maus modos. Uma panorâmica sobre seu espaço urbano, perebas ecológicas e a pobreza cultural quase plena e eterna. Temas para muitas teses , muitas delongas e picaretices.

Do outro lado surgiu, então, a idéia de criar uma revista; um espaço aberto voltado para a publicação de crônicas, artigos, poesia, fotos e charges para escarafunchar este cenário roto e cutucar a ferida sem nenhuma cerimônia. Nenhuma bajulação. Pois nunca é preciso concordar com ninguém e nem é muito saudável bancar a vaquinha de presépio, especialmente quando as realidades de nossas vidas ficam cada vez mais complexas neste mundão insano e cruel.

Estabelecemos princípios bem definidos para lançar uma publicação marcada por uma proposta editorial inovadora, por uma estética primorosa e subordinada à honestidade intelectual, respeito ao público leitor e a convicção inabalável de que estas páginas contribuirão, de alguma forma, para o diagnóstico e o resgate das nossa carências. Entre o passado e o futuro, a reflexão e a aventura queremos fazer, também, a história deste pedaço do Brasil, imperfeito, esquecido e dilacerado.

E comemoramos na estréia brindando os leitores com uma saborosa entrevista com o **Maestro Pe Luciano Laval**, conhecedor íntegro e lúcido da realidade de T.Otoni. **Fernando Martins** nos mostra como o capital prova de seu próprio veneno através da pirataria. A produção musical da cidade dos tempos de projetos cabeças e pochichás é recontada por **Ronaldo Sander**. **Ricardo Loutf** fala sobre o cinema brasileiro anterior a Os *Normais; Lisbela ; Olga* e outros sucessos atuais. O historiador **Márcio Atschim** nos apresenta um trabalho de Godofredo Telles acerca dos nossos antepassados - a nação botocuda - que gentilmente batiza esta publicação. O leitor vai acompanhar o nascimento da Praça Germânica, numa viagem pelo tempo, conduzida pelo arquiteto **Igor Sorel.** Vai também reconhecer alguns personagens da nossa ecologia urbana num texto de **Deca Atschim** e ainda conferir os desenhos alucinantes de **Cássio Ribas** .

saudações botocudas

sérgio abdulah

Igor Sorel

A primeira notícia que temos da construção do prédio do Ginásio Mineiro foi a doação do terreno ao governo do Estado em 1927 pelo Presidente do Munícipio Dr Nerval de Fiqueiredo. Em 1928 a edificação foi construida em estilo eclético, com frontispício de dois pavimentos, vãos centrais arqueados e laterais retangulares, com adornos decorativos; as alas laterais onde funcionavam as salas de aula eram de um só pavimento. A edificação está construida acima do nível da rua, com porão semi-aterrado e escadas com quatro degraus no acesso principal.

Escritório regional da CEMIG nos dias atuais

Ginásio Mineiro - anos 30

Colégio TeodolindoPpereira - anos 70

Vista da Praça Gemanica do Morro da Legião - anos 20

. Nos anos quarenta a edificação sofreu acréscimos na sua fachada e laterais, seguindo o mesmo estilo eclético original. Durante a Segunda Guerra mundial abrigou tropas do exército. A partir dos anos sessenta ali funcionou o Colégio Teodolindo Pereira e, posteriormente, o Colégio Joaquim Portugal. Atualmente, o prédio situado na atual Praça Germânica - antes Praça dos Alemães e Duque de Caxias - sedia o escritório regional da CEMIG. O Prédio da CEMIG, como é hoje chamado o antigo Ginásio Mineiro, é sem dúvidas, um dos raros exemplos de edificação antiga em Teófilo Otoni que conserva suas características originais e em bom estado de conservação. Entretanto, a CEMIG deveria rever os critérios de colocação de letreiro de identificaçaõ .na fachada para garantir a pureza de suas formas originais

PANORÂMICA I

Carros confluem nas morosas estreitas ruas em volta da praça, trânsito desviado, artéria obstruída, esquina de antes com o que ficou prá depois...

É no revérbero da poeira amarelada do sol do fim do dia, a moça franziu o cenho e estancou.

A poeira estancou, frise-se.

A moça foi embora, que tinha mais o que fazer.

A partícula até que não dava a mínima para a canção que evocava sua ânsia de sentidos reputando-a "poeira das estrelas". Não, ela não almejava tanto, a idade avançada a desencorajava aos devaneios.

Até soava romântico e transcendental tal compreensão de si mesma, mas de tantas andanças e voanças (e neologismos de gosto duvidoso), uma súbita mudança de ares jogou-a numa região erma e da qual ela não conseguiu definir o perfil dos morros e seus contornos.

Mas, quem sabe, nesta permuta incessante e competitiva de elementos etéreos, submissa e acomodada pelas reviravoltas das estações, ela poderia ter sido abençoada com a grande chance de pairar sobre monumentos de grandes personalidades, se acomodar numa reentrância de uma delicada obra de arte ou participar das benesses e favores de ser parte tombada de algum patrimônio de nível nacional.

Agora ela estava pousada na ponta do dedo indicador de um senhor laboriosamente esculpido, de traços bem delineados e vagas mirada, que lhe apontava uma determinada direção, segurando com duvidosa determinação seu instrumento de trabalho, um bem talhado machado saudoso dos bem ordenados bosques europeus. Aquele emaranhado de cipoais e cerrada mata confundia a racionalidade de sua lâmina.

Segredou-lhe uma veterana partícula já bem estabelecida no comércio local que aquele dedo outrora indicara outro caminho a seguir. Portanto, a informação não provinha de fonte fidedigna, apesar do semblante grave de idoneidade germânica.

O grão de pó quedou-se, desolado.

Ali estava ele (ou ela, dependendo do ângulo e da orientação sexual de quem vislumbra um grão ou do estado de espírito do inseto distraído).

Cercada, sem perspectiva de um sopro pois, segundo relatos de poeiras impregnadas nas soleiras das portas e janelas não alcançadas pelos diligentes mão calejada, daqui poeira nenhuma levanta vôo.

Em terra de miasmas, pé-de-vento é rei.

Que o digam os primeiros aventureiros trazidos nas monções desbravadoras, cujos maiores incômodos eram a sensação de ar opresso e os indomáveis botocudos, maxacalis, naknenuk...

Destes últimos, nossos ferozes capitães-do-mato, que hoje decoram nomes de rua, deram cabo.

Sobraram alguns para juntar fragmentos de identidade perdida, a troco de uns cobres para matar a sede e o delirium tremens. Seus corpos testemunham sua aculturação incondicional no mormaço das calçadas.

Mas quando os primeiros... Bem, miasmas não tem medo de cara feia ou de políticas de saneamento básico. Sendo assim, o calor sufocante tornou-se um involuntário cartão de visitas e uma desculpa para a indolência. Congênita. Coletiva.

Só restava ao minúsculo ente se adaptar e se acomodar, fazendo ouvidos moucos às correntes-de-ar que passam lotadas de eufóricas colegas rumo aos fins-de-semana na praia.

Desconfiada de correntes que libertam, nossa particular amiga põe a mão no queixo e pondera...

Olha para o norte e depara-se com o vale vizinho, de duvidosa e triste fama nutrindo a mídia e se alimentando das fonte e miséria alheias. Fome é arte, privação é cultura.

Volta-se então para o sul, onde outro vale, irmão mais novo que prima pela abundância acemna as cédulas, mas casas de câmbio e lavagens de qualquer espécie não são palavras simpáticas a uma desqualificada partícula. Além do mais, disseram que ele voltou americanizado...

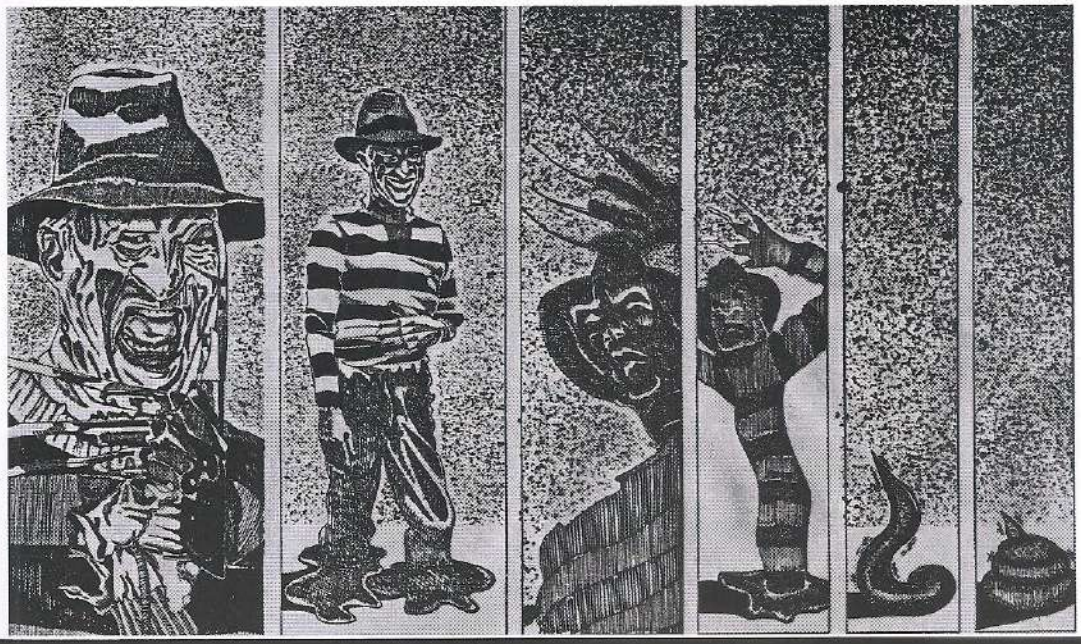
Resolve se deixar ficar, aconchegando-se ao colo da senhora com um bebê que acompanha o homem de dedo confuso, que já nem se lembra mais para que lado apontou pela primeira vez, quando ali chegado.

Mais tarde, após o sono dos justos e a preguiça endêmica serem saciados, quem sabe ela se decida a uma sugestão.

Agora ela só quer um pouco de descanso...

Favor não levantar a poeira.

Poeiras tem mistérios e, cada um deles, o seu devido tempo.



o traço de ribas é algo cruel, atordoa com sua secura e agressividade. fala por si, sem enfeites e firulas. talento pulsante e incontrolável, ansioso por recriar a paisagem. metáforas visuais, verdadeiros knock-outs.

UMA ANISTIA MUSICAL

Em fins da década de 1970, paralelamente à chamada abertura política brasileira, uma pequena fagulha de criatividade começou a incendiar o universo musical de T. Otoni e muito embora poucas pessoas tenham se apercebido, esse modesto incêndio conseguiu por breves momentos aquecer a frieza obtusa da imbecilidade.

Hoje talvez nem se converse mais sobre esse "movimento" que não foi organizado, não andava junto, e coexistia de forma quase latente como caminhos concêntricos para um mesmo destino, indefinido é claro, porém sob o crivo da sensibilidade.

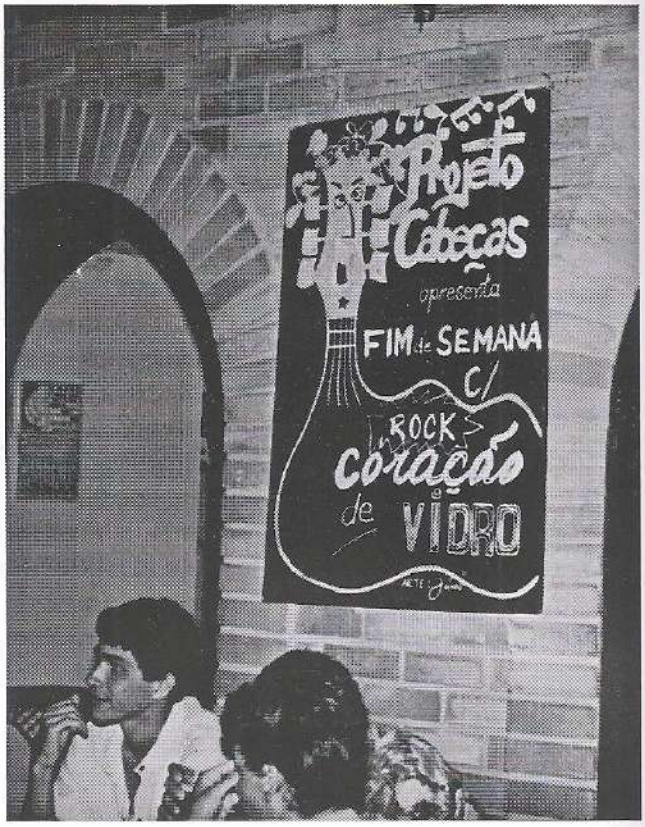
No centro da questão estava um rapaz de olhar circunscrito, perdido entre alucinação e ambição criando pequenas histórias de eternidade, ainda hoje conhecido como Bira, recolhido em seu telúrico bar no quase quimérico aeroporto municipal.

Os tempos são outros, mas naquela época ele emprestou a atmosfera necessária em seu saudoso bar no ponto mais belo da igualmente bela e estupidamente abandonada pampulhinha para toda uma geração de notáveis compositores teófilotonenses. Ele criou um evento chamado Projeto Cabeças, que não só apresentava boa música, como também servia de bar e área de lazer, e contava com os deliciosos pedalinhos na lagoa, próximos do bar. Além da presença de artistas locais, alguns nomes de fora circularam por lá, dentre eles o falecido Sérgio Sampaio, autor da antológica "eu quero botar meu bloco na rua", Tavinho Moura e outros. No entanto, a maior contribuição do citado projeto, foi como disse a atmosfera, que serviu de combustível e inspiração para vários jovens nomes que começavam a se envolver mais profundamente com a música.

Embora correndo o risco de esquecer alguém, vamos lembrar de nomes que criaram belas canções nos últimos 25 anos.

Do Grupo Puchichá formado em 1981, podemos citar dois notáveis compositores, Luiz Carlos Lauar e Marcílio Menezes, o primeiro a seguir a corrente da melhor estirpe da moderna MPB (Chico, Edú Lobo, etc) e criou canções de profunda beleza lírica entre elas: "Sonhos de rapaz", "Noite escura" e "Daqui se vê o mar". Atualmente vive em Belo Horizonte, onde toca na noite.

Já Marcílio está radicado em Campinas (SP) também sobrevive de música, seu estilo era brejeiro e saudoso, sendo profundamente musical. Era também um grande violonista, venceu o último grande Festival de T. Otoni com a belíssima "Carta do leitor" uma homenagem a Carlos Drummond feita em parceria com o escritor Roberto Marcos.



Tivemos também o surgimento de Carlos Lucena que embora não fosse nativo, passou a maior parte da sua vida aqui em T.Otoni. Seguia um estilo místico e idealista, mas depois foi ampliando seu universo musical, fez canções de grande criatividade harmônica e melódica, coisas como "Brisa dos homens" e "Dança das folhas". Vive hoje em T.Otoni sempre lidando com a música.

Seguindo um universo próximo a Ivan Lins e ao João Bosco dos primeiros anos, Cristiano Salazar se revelou como

bom violonista e melodista, fez inclusive em parceria com Carlos Lucena, as belas "Claras" e "Do céu da cabeça".Viveu muito tempo em Belo Horizonte, diante de vários projetos musicais sendo que infelizmente um deles foi uma debandada para a música brega, no entanto não se deve esquecer seu trabalho enquanto sério e faz-se necessário ter esperança numa recuperação vindoura. Também morando em BH desde início dos anos 1980, Eugênio de Castro é talvez o mais prolífico compositor nascido em nossa região, autor de mais de 500 composições, tem um talento invulgar para criações instantâneas e entre 1980 e 1985 escrevia uma média de 15 canções por mês.

É autor de pequenas pérolas como "Solidão de cantor" e "Samba em La Paz".

José Cléverson Correia, vulgo Clevinho (filho do popular Zé Penteado, famoso violonista da noite local). Se revelou um melodista brilhante compunha geralmente em parceria com Eugênio de Castro a quem cedeu melodias inesquecíveis dentre elas "Verde luz" e "Rosto de cristal".

Vale lembrar de Alex Lisboa, neto do saudoso multi instrumentista Tranquilino, exímio guitarrista e compositor de várias canções estilo Rock Brasil. Hoje lidera a banda Mandrake em BH.

Baixista e compositor bissexto Fernando Hartwick, morou em Brasília nos anos 80 e naturalmente acompanhou de perto o surgimento do Rock Brasil 80 e dentro do estilo escreveu alguns "hits" certeiros como "Deslocamento" e "Círculo Vicioso", e por fim, esse que vos escreve também fez suas pequenas investidas musicais, chegando a montar grupos e participar de Festivais sem maiores consequências, e acabou escrevendo algumas canções simples, "Perverso", "Deuses da noite" entre outras, muito embora nenhum desses nomes tenha atingido o grande público ou alcançado renome nacional, suas criações continuam por aí, poderosas enquanto aguardam, prisioneiras enquanto ignoradas, talvez um dia...

Faça sua marca crescer. Anuncie em out door.

Rose
publicidade

abrose@uol.com.br

Ele acredita na sua intuição e tem plena certeza de que o povo sabe apreciar o que é bom. Desde 1985, quando passou a dirigir o Coral Paulo VI, é destaque no cenário artístico de T. Otoni. São vinte anos de regência marcados por uma aprimoração constante; e a exigência pelo apuro é sua característica mais marcante. Prova de tudo isto é a reverência com que o Coral é recebido nas apresentações pelo Brasil, América Latina e Europa. O CD lançado em 2003 e os concertos de natal denotam um criador magistral em ação. Profundo conhecedor das manifestações culturais do povo, este teofilootonense de 50 anos acredita que somente uma reforma na educação construirá um caminho para tirar as crianças e os jovens da tirania da tv e do baixo horizonte cultural que dela decorre. Para inaugurar estas páginas negras fala o padre, maestro, professor, doutor, e oxalá, futuro secretário.

Sacerdote, professor, maestro, como levar adiante um barco com tantas direções?

É preciso a todo instante na vida fazer uma síntese do que a gente é mesmo. Administrar os diversos registros destas atividades sem deixar que uma interfira muito na outra. Sem perder a identidade pessoal que é ser Luciano. Com cuidado. Cada hora ter que priorizar uma das atividades. Ver a importância que ela tem naquele momento, naquela função. Então, é o tempo todo fazendo uma síntese da minha pessoa.

Um dos caminhos escolhidos pelo senhor é o da arte. Na sua produção artístical percebemos uma explosão criativa e apaixonada à frente do Coral Paulo VI. Fale um pouco sobre sua formação musical e sua relação com o Coral.

Minha história musical vem da infância. Eu tenho antepassados ligados à música aqui em Teófilo Otoni e fora daqui. Desde que eu me entendo por gente sou apaixonado pela música clássica. Com seis anos de idade já gostava de escutar Chopin. Para mim aconteceu como uma onda que não pude conter. Comecei a estudar piano aqui em T.O. com Dona Zetinha. Estudei fora, voltei e desta vez continuei os estudos aqui. Vivi fora do Brasil e estudei regência. Quando comecei a estudar música fiquei muito dividido entre o mundo acadêmico e a música. No seminário aconteceu a mesma coisa. Mas eu tenho muita intuição. Percebo isto desde minha juventude. Antes de fazer a coisa na arte eu percebo aquilo e já ouço o resultado final. Então fui fazendo esta história: não parei de fazer músicas, regi corais em Juiz de Fora e, quando estudei na Europa fui construindo ao mesmo tempo uma formação acadêmica filosófica e teológica, ao lado de uma busca incessante nesta área musical.

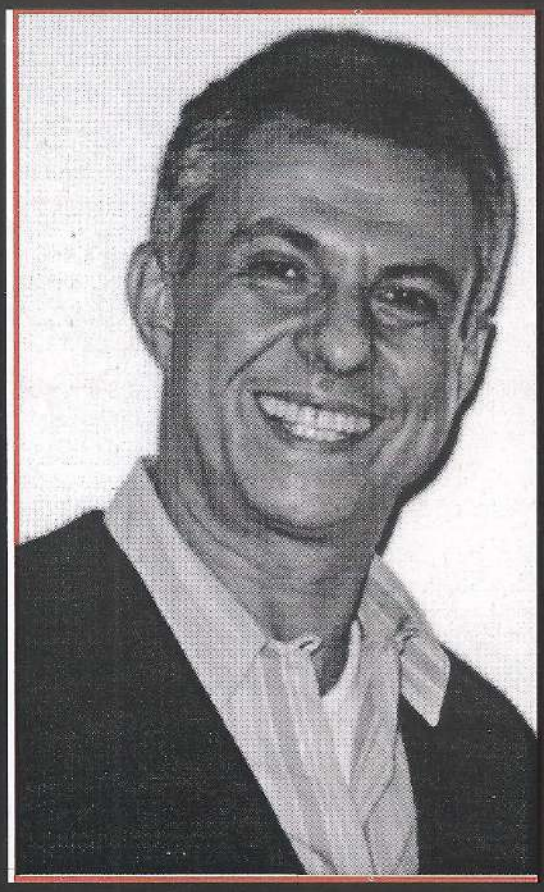
O Coral existe em minha vida desde 1967, quando foi fundado. Desde criança já acompanhava seus primeiros passos. Já virei muita partitura em concertos quando tinha meus 10, 12 anos de idade. Também fui membro do Coral como cantor por muitos anos. Em 1985, chegando da Europa, ganhei de presente a regência do coral, sucedendo Pe. Piero. Estou há 19 anos à frente deste grupo. Completamente amadores, todos diletantes, ninguém faz por profissão. Cantam no Coral porque gostam, por prazer, mas encaram o serviço com um profissionalismo impressionante. A gente consegue resultados excelentes por causa do comprometimento do grupo. Meu trabalho é importante para puxar a corda, mas o grupo em si age com muita seriedade. Assim, conseguimos níveis profissionais sendo um grupo amador.

***T.Otoni é uma cidade culturalmente pobre, repleta de limitações. Ainda assim, constatamos que o senhor tira leite de pedras. Cada concerto é melhor que o outro. Nunca assistí a um espetáculo tão emocionante como o lançamento do CD em 2003 (uma produção de primeira grandeza) . O Coral vai à Europa, é aclamado, participa* de Festivais na América Latina sai vitorioso. Mas, como fazer para esta máquina funcionar? Como é o outro lado da moeda?**

Nossa sobrevivência é um caso sério.

na América Latina, sai vitorioso. Mas, como fazer para esta máquina funcionar? Como é o outro lado da moeda?

Nossa sobrevivência é um caso sério. Temos três ensaios semanais, uma sede para manter, água, luz, telefone, etc. Mantemos o material renovado toda semana. Partituras, muito papel, muita compra... Isto é um pouco complicado quando não se tem uma subsistência vinda de fora. A única entidade que nos dá uma mão abençoada é a Unimed, que patrocina integralmente o Concerto de Final de Ano. É este patrocínio que banca as despesas durante o ano. No mais, somos nós mesmos, os cantores, que bancamos nossos uniformes, nossas viagens, fazendo caixinhas, nos dividindo, nos arranjando.



As viagens do Coral foram levantadas com festas, uma ou outra subvenção da Assembléia e da Prefeitura. Mas é uma sobrevivência sofrida. Não devemos nada na praça, porém, se amanhã tivermos que fazer um investimento mais pesado, teremos que ter muito cuidado. Não é fácil. Mesmo assim, aproveito o momento para agradecer a acolhida da Unimed, que garante com seu patrocínio, as despesas dos doze meses do ano. O Coral é administrado por uma diretoria executiva que cuida bem dos projetos e assim fazemos nossa história.

O senhor tem alguma mágoa do empresariado local, das instituições ou dos poderes públicos instituídos, quanto a esta falta de visão em incentivar a arte e a cultura em T. Otoni?

Não tenho mágoa não. Só acho que a idéia de patrocínio aqui em T.Otoni ainda está mal resolvida na cabeça dos empresários. Patrocinar é, às vezes: "te dou 10 reais aqui, 50 reais ali", Estas pequeninas ajudas em troca de muito marketing, muitos favores. O camarada faz o patrocínio em troca de muitos ingressos. É uma mentalidade de patrocinador que ainda não chegou aqui, a idéia de promover a arte. Eu tenho exemplos de patrocínios, em outros eventos, onde o patrocinador se preocupa em promover a arte. Compram até o seu ingresso. Aqui isto ainda não chegou de forma clara. Patrocinar em T.Otoni ainda é uma troca de favores e não uma promoção da arte, do evento, por ela mesmo. Não vou reclamar, não vou sentir mágoa. Nas vezes que procuramos esta ajuda, ela se deu desta forma. Agora patrocínio mesmo foi da Nestlé, tendo a Unimed como retaguarda.

Crianças e jovens são mais vulneráveis ao lixo da indústria do entretenimento, especialmente a tv. Com inimigo tão poderoso, qual seria a saída para despertar nestas vítimas uma sensibilidade artística e uma real compreensão do mundo?

A gente conta com uma realidade que é a mídia. A mídia hoje é de consumo mesmo. Sou do tempo em que a escola, o ensino fundamental nos dava uma formação básica para despertar o horizonte estético. É dificil fazer projetinhos isolados.A saída está na escola. As experiencias que se vêm em outros países são realmente interessantes, as igrejas, as escolas investem na formação artísica, literária, musical, teatral. Isto faz a gente pensar:**se nossa escola não superar esta dimensão de ensinar e passar a educar vai ficar muito difícil**

isolados.A saída está na escola. As experiências que se vê em outros países são realmente interessantes. As igrejas, as escolas investem na formação artística, literária, musical, teatral. Isto faz a gente pensar:**se nossa escola não superar esta dimensão de ensinar e passar a educar, vai ficar muito difícil cultivar na criança e no jovem um horizonte de maior qualidade estética.** Nestes países, o contato com a arte se dá na escola fundamental. Da mesma forma que acontece com língua pátria, as ciências e a matemática, ela estuda a dança, o teatro , a música. Ao sair do ensino médio já tem uma base fornecida pela escola. Se optar por seguir uma carreira, basta aprimorar numa academia de graduação. Se você pega a voz de uma criança italiana, vê que é naturalmente educada pela escola.Eu me lembro, quando fazia faculdade em Roma, de que no ônibus duas crianças faziam exercícios de literatura. Elas tinham que traduzir do latim para o grego e do grego para o latim, ou seja, o fato desses países estarem bem formados e modernizados não significa que o alicerce da cultura original, que está nestas línguas antigas seja renegado. Então acho que a gente podia ter partido de projetos educacionais mais sérios. Tem muita coisa sendo feita no Brasil, projetos como da favela da Rocinha, mas de forma esparsa. Se a gente não conseguir trazer para a escola a educação integral da pessoa, a arte e a cultura, o senso crítico, o hábito de ler jornal, revista e bons livros vai ser sempre uma coisa de elite, artificialmente dada.

Vamos falar um pouco sobre T.Otoni. Por que continua tão encalacrada? O Coral é uma raríssima e honrosa exceção. O Vale do Jequitinhonha tem uma cultura tão rica e ativa, a cerâmica é um exemplo. As festas populares no norte do estado estão cada vez mais revitalizadas. Montes Claros tem festival internacional de dança. Ipatinga festival de jazz,e aqui não acontece nada. Não temos um centro de cultura, uma biblioteca que mereça ser chamada assim, um teatro municipal, um festival de música de verdade. Por que somos tão desaculturados?

Eu tenho pensado muito nisto. Realizamos, no natal, mais um concerto na Praça Germânica. Um concerto pesado, com uma proposta musical forte, o Coral com uma cantora lírica de uma voz fantástica, a melhor do Brasil hoje. Um repertório pra cima, que teve ainda a participação de um grupo de cantores de spirituals e gospel de primeira linha. O concerto durou duas horas e meia e as pessoas não arredavam pé, todo mundo ali assistindo com o maior interesse. Naquele momento eu pensava: de quem é a culpa? Da gente que não oferece ou do povo que não sabe acolher? Do povo não é, porque eu via na pele as pessoas arrepiando. Talvez elas não possam traduzir em conceito o que estavam sentindo. Mas, somente o fato de testemunhar esta emoção me faz acreditar que as pessoas de T. Otoni tem uma sensibilidade para acolher o que é belo. Por outro lado, acho que temos medo de fazer as coisas acontecerem de forma grandiosa. Por acomodação ou por medo da crítica. **Portanto, nós não ousamos muito, fazemos as coisas de forma pequena**. Alguém diz assim: o estado de Minas Gerais não sabe que em T.Otoni é feito um evento tão bonito, tão bem produzido. Talvez nem na capital mineira tenha um evento de rua com tanta força, tanta beleza, como este concerto na época de natal. Mas a gente faz prá nós , fica aqui. Então, há este medo, talvez, até de mandar nossa produção artística pra fora e não ser aprovada, bem criticada. Nosso artesanato fica preso aqui, dentro de nós mesmos. Sabemos que há tanta coisa que as pessoas fazem, mas está preso alí naquele espaço restrito onde nasceu. Então, eu analiso em cima destes três fatores: temos medo de mostrar o que é nosso; temos medo da crítica ou então é acomodação mesmo. Parece que há no inconsciente coletivo de T. otoni um sentimento de inferioridade, achamos que somos menores. Por que nos orgulhar de algo que é de T. Otoni? Há um sentimento sempre por baixo, de todos nós. Fazemos uma avaliação de nós mesmos sempre menor do que aquilo que realmente nós somos, do que somos capazes.

Não falta do poder público um interesse real em incentivar propostas e elaborar projetos nesta área?

Também. Em outros lugares às vezes o poder público não toma as iniciativas. São os

Não falta do poder público um interesse real em incentivar propostas e elaborar projetos nesta área?

Também. Em outros lugares às vezes o poder público não toma as iniciativas. São os próprios artistas e artesãos que fazem as coisas acontecerem. E isto acaba levando ou comprometendo a estrutura de poder. **Eu vejo a Secretaria de Cultura ser pensada como folclore.** Vai fazer uma festa junina, não exprime a característica da cidade. É tudo pensado de maneira muito pequena, quase para dizer: aconteceu. As coisas não são projetadas, nem discutidas.As pessoas que poderiam estar envolvidas para fazer um festival da canção não se envolvem; um espetáculo de dança, ídem; um acontecimento literário segue a mesma linha. Teófilo Otoni tem uma academia de letras e há muito tempo não ouço falar dela. Sou patrono de uma cadeira nesta academia. Porque vai indo fica como disse antes, a coisa acaba ficando fechada ali onde ela nasceu. Uma academia de letras teria que ter um respaldo municipal. Deveriam ser ouvidas realmente as pessoas que fazem Letras, os que fazem poesias, literatura, crônicas. Minha conclusão é esta. São dois pontos: um ponto é político, pois **as coisas são feitas sem ouvir as pessoas que deveriam ser ouvidas e envolvidas para fazerem os projetos. O segundo ponto é um mal de nossa índole: somos um povo medroso e este medo está na cultura, na política e em todas as outras áreas da nossa manifestação como pessoa. Então, se somos medrosos fazemos só coisas pequenas.**

Por que a gente acha que o povo de T. Otoni só vai ao teatro se for comédia? Por que não acreditar que se trazer um texto sério, um texto bom, o povo não vai gostar? É o medo de ousar uma coisa maior. Optam, então, por fazer coisas menores. Mas, se oferecerem coisas de peso, as pessoas ficarão habituadas a valorizar outras formas de produção artística.

O senhor acha que há uma possibilidade de mudança com a eleição de Maria José? Acredita que haverá projetos sérios nesta área? O senhor se vê como uma ferramenta para alavancar a produção cultural em T.Otoni?

Há uns dez anos atrás, eu participei de um dos momentos mais fortes da voz dos artistas de T. Otoni, que foi a reivindicação do espaço da Casa de Cultura. Nós éramos quase 400 pessoas entre artesãos, músicos, pintores, poetas e atores. Foi um movimento que congregou muita gente. Acreditamos que iria acontecer e acabou não acontecendo porque na hora que dependeu do poder público mesmo, para fechar projetos conosco, o poder público se retirou. Mais adiante foi criado, politicamente, a Casa de Cultura e, também, politicamente fechada. Nos colocamos agora diante de uma nova administração. Acredito que possa haver uma virada neste quadro **se a Secretaria de Cultura não for uma produtora exclusiva de eventos. Se ela se tornar um lugar onde as pessoas envolvidas no mundo cultural e artístico possam conversar e programar juntos acontecimentos e fatores que levem a cidade a acordar para uma expressão artístico cultural maior.**. Eu não acho que está nas mãos de um secretário, de uma secretária, acho que o lugar da discussão precisa acontecer. Não sei se é a Casa de Cultura; Fundação de Cultura; Secretaria Municipal de Cultura. Se tornar este espaço onde as coisas realmente são vistas, possam ser pensadas a médio ou curto prazo, realizadas com seriedade mesmo, com investimento financeiro, as coisas mudam. Senão, vamos continuar fazendo esta cultura de verniz, apenas de exterioridade. Agora, **juntamente com outras pessoas, se encontrarmos este espaço, esta possibilidade, eu me colocaria como porta-voz de toda uma classe de pessoas que produz arte e cultura.**

O senhor acredita que um projeto como a Botocuda, voltado para a discussão e promoção da arte, cultura e ecologia tem possibilidades de vingar?

Com certeza. Torço por isto.

CINEMA MARGINAL

Na primeira metade da década de 60, o cinema brasileiro vivia um período de intensa produção cinematográfica. O movimento conhecido como Cinema Novo produzia uma grande quantidade de filmes de qualidade. Diretores como Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirtzman e outros, estavam no auge de suas carreiras. Foi um período em que o Brasil ganhou muitos prêmios em festivais internacionais e o cinema brasileiro era muito respeitado no exterior. Porém, após o golpe de 64, e principalmente após o AI5, a produção cinematográfica diminuiu e a censura impedia a exibição de filmes que não estivessem de acordo com a visão do governo vigente. Muitos cineastas deixaram o país, outros começaram a fazer filmes menos ousados e inofensivos.

Nesta época, os cineastas novos não tinham incentivo, não tinham espaço para exibição, estavam desesperançados com o futuro do Brasil e com toda a situação de repressão reinante. Foi aí que alguns novos cineastas optaram por um modo de produção alternativo: filmes baratos, rodados em poucos dias, sem compromisso com a aceitação ou não do público, sem necessidade da obrigação do retorno financeiro. Filmes com uma estética suja, rodados em locais periféricos e rejeitados, com gente de preferência feia, com muita improvisação, sem preocupação em esconder a equipe de filmagem, com personagens nojentos e situações de provocar nojo (personagens sujos, gente vomitando, defecando, babando, pessoas em delírio). O que a primeira vista era considerado mal feito tinha objetivos bem definidos, de rejeitar a estética "agradável" e insípida imposta pelo poder reinante, oferecer um modo de produção alternativo e acessível, transgredir as regras da narrativa e criar, através da desconstrução da narrativa, novas formas de representação cinematográfica.

Júlio Bressane e Rogério Sganzerla foram os principais cineastas desse movimento e produziram uma grande quantidade de filmes até hoje desconhecidos do grande público. Foi um período de intensa renovação estética, um modo de produção simples e rápido, uso do som direto e câmera na mão (muitos usados também pelo Cinema Novo), improvisação na interpretação, narrativa fragmentada e, sobretudo, muito humor. Nada poderia ser sério o suficiente que não pudesse ser achincalhado, avacalhado e desmistificado. Faziam uma mistura de vários gêneros, um pastiche de filmes de faroeste, com filmes de terror, comédia, pornochanchadas, documentário, policial ou noir. Foi o momento de questionar o mito da técnica e da burocracia na produção em nome da liberdade criativa e do mergulho na atualidade.

"Matou a Família e Foi ao Cinema" de Júlio Bressane, e "O Bandido da Luz Vermelha" (de Rogério Sganzerla são os primeiros filmes do movimento. Outros filmes importantes do período são "Gamal, O Delírio do Sexo" de João Batista de Andrade, "Bang Bang" de Andrea Tonacci, "Copacabana me Engana" de Antônio Carlos Fontoura, dentre outros.

"Matou a Família e Foi ao Cinema" foi filmado em 12 dias por Júlio Bressane, e apesar da rapidez da filmagem, é um filme extremamente elaborado com várias histórias paralelas que se interconectam e superpõem. O recorde de Bressane é o filme "O Monstro Caraiba" filmado em 48 horas, com muita qualidade e complexidade, apesar da rapidez na produção. Júlio Bressane é um cineasta prolífico, com 23 filmes em sua carreira e ainda muito pouco conhecido no Brasil. No exterior já recebeu muitos prêmios e homenagens, mas no Brasil têm público restrito.

Outro cineasta importante é o Rogério Sganzerla, que com o "O Bandido da Luz Vermelha" se torna um marco no cinema marginal. O filme é rodado como um semi documentário, que mostra a vida do marginal "Luz", um anti-herói mau caráter, que vive no limite do drama e da comédia. Feito com

muitos cortes, com ritmo rápido, com locuções de rádios populares e manchetes de imprensa marrom.É um grande pastiche de cinema policial. Nas palavras do próprio diretor: "É um faroeste do terceiro mundo". Assim como Bressane, Sganzerla é um cineasta seminal e pouco conhecido. Falecido recentemente, sua morte teve pouca repercussão na mídia.

O período conhecido como cinema marginal vai de 68 a 74, posteriormente as produções continuaram, mas com um formato menos radical. Esse movimento, embora pouco conhecido, deixou marcas profundas no cinema nacional e, no momento, as novas gerações começam a catalogar e recuperar os filmes danificados, mostrando um interesse renovado por este período fascinante da história do nosso cinema. Parafraseando o personagem principal do filme "A mulher de todos" de Sganzerla: *vou me dedicar aos boçais...*

FILMOGRAFIA DE JÚLIO BRESSANE

Cara a cara (1967); Matou a Família e Foi ao Cinema (1969); A família do Barulho (1970); Barão Olavo - O Horrível (1970); A Miss e o Dinossauro (1970); Cuidado Madame (1970); Memórias de um Estrangulador de Louras (1971);Amor Louco (1971); A Fada do Oriente (1972);Lágrima Pantera (1972);Viagem Através do Brasil (1975):O Monstro Caraíba-Nova História Antiga do Brasil (1975); Agonia (1976); O Anjo Nasceu (1969); O Gigante da América (1978); Tabu (1982); Brás Cubas (1985); Sermões - A história de Antônio Vieira (1989); O Mandarim (1995);Miramar (1997); São Gerônimo (1999)

Dias de Nietzsche em Turim (2000):Filme de Amor (2003)

FILMOGRAFIA DE ROGÉRIO SGANZERLA

O Bandido da Luz Vermelha(1968); A Mulher de Todos (1969); Sem Essa, Aranha; Copacabana Mon Amour Carnaval na Lama (1970);Fora do Baralho (1971); Abismu (1977); Nem Tudo é Verdade (1986); Oswaldianas (5° episódio do londa Perigo Negro -1993)

Tudo é Brasil (1998); Signo do Caos (2003)

venha saborear o melhor peixe acompanhado pela melhor música

Rua Concórdia, 222
Fone: 3521-1329

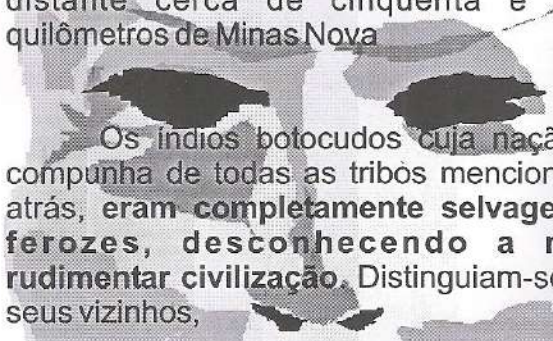
OS BOTOCUDOS

Apesar da ausência de obras, especialmente de caráter científico, sobre a história da região do Mucuri, alguns autores chegaram a ousar esta empreitada. Podemos citar o caso de Reinaldo Porto e frei Olavo Timmers. Sendo esta revista "batizada" de Botocuda, seria interessante resgatar um trecho de um livro, como os dois citados, já esgotados, Os Bandeirantes Modernos, datado em 1934, de Godofredo Ferreira. Este autor destina o capítulo IV, a descrever, ao seu modo, os Botocudos.

"Afirmam os estudiosos dos fatos que se prendem à exploração das matas do nordeste mineiro, que **as tribos selvagens habitantes das zonas cortadas pelo rio Mucuri e seus afluentes vieram todas do litoral brasileiro recuando, paulatinamente, diante do avanço dos europeus conquistadores e, depois, diante das bandeiras paulistas que as percorreram em todas as direções a cata do ouro e das pedras preciosas.**

Uns e outros, infelizmente, empregaram sempre o bacamarte e o cativeiro, como hoje se faz ainda, afim, diziam de civilizar os autoctones mas realmente, como o rito de auferir lucros fartos com venda certa a bom preço dos desgraçados caídos prisioneiros. É a eterna desculpa do mais forte, apoderar-se à bala dos territórios pertencentes aos mais fracos com a afirmativa desmoralizada que fazem de querer civilizá-los... Daí, dessa má política continuada sem peias através de centenas de anos - o ódio feroz que o aborígene brasileiro vota ao civilizado, daí as espantosas atrocidades por ele levadas a efeito mais por natural sentimento de vingança que por maldade inata... Recuando por isso, do litoral do Machacalis, os Nak-Nanuks, os Giporoks, os Macunés, os Ta-Monhec, os Potone, os Poté, os Patachós, etc - se fizeram na faixa da terra que se encontra situada extensa faixa de terra situada no Vale do Mucuri - estendendo-se ao Nordeste e Noroeste até alcançar o Jequitinhonha e os seus afluentes, e ao Sudeste e Sudoeste chegando até o rio Doce e Suassuí Grande. Essas tribos que, em sua totalidade, integravam a poderosa e temida nação botocuda, viveram em contínua e fraticida guerra, que a fome ateou, obrigando-as a disputarem pequenos territórios onde encontrassem raízes tuberosas alimentícias, alguma caça e peixes com que manter a própria subsistência. Resultou desse ininterrupto e sanguinolento embate entre irmãos, como era fatal - a derrota e absorção dos mais fracos pelos mais fortes.

Deste modo, batidos e perseguidos encarniçadamente pelos Nak-Nanuks, Gyporoks, Pojichás, etc, os Machacalis e os Macunés e outras tribos, fugindo à sanha de seus implacáveis inimigos, pediram proteção aos brasileiros civilizados no quartel que mantinham no lugar dos Altos dos Bois, distante cerca de cinquenta e nove quilômetros de Minas Nova.



Os índios botocudos cuja nação se compunha de todas as tribos mencionadas atrás, **eram completamente selvagens e ferozes, desconhecendo a mais rudimentar civilização.** Distinguiam-se dos seus vizinhos,

os Aimorés, porque não consta que fossem antropófagos. **Faltava-lhes a mais leve percepção do que fosse uma indústria, limitando-se eles à fabricação de pequenos sacos**, a que denominavam tipóia e que lhes serviam para conduzir a alimária morta, as aves e os peixes do próprio sustento, - com a fibra do tucum, a árvore tão comum nestas plagas. **Eram-lhe estranhos quaisquer sistemas de habitações relativamente confortáveis e seguras. Viviam ao léu, ao relento ou em toscos ranchos cobertos com folhas de caeté** o que, de modo algum, evitava a invasão constante das águas abundantes, como é sabido, nas regiões em que a mata virgem predominava. **Andavam completamente nus, constantemente em correrias de um lado para o outro, adotavam a poligamia cabendo a mulher todos os trabalhos domésticos ou não,** competindo ao homem, tão somente a defesa e sustento da tribo. O governo ou melhor a chefia do aldeamento, a aglomeração de ranchos, a que davam o nome de quijeme, tocava ao mais valente. Era confusa a idéia que faziam da divindade - não se podendo concluir dos seus estranhos ritos que tivessem uma religião definida...

Inúmeros foram os assassinatos e massacres cometidos pelos bugres nas matas do Mucuri e vizinhas..." (FERREIRA, Godofredo. Os Bandeirantes Modernos, 1934).

Profissionalismo, ética e confiabilidade

Baseado nesses 3 conceitos, o Sr Elias Mattar, farmacêutico então recém formado, criou, em 1958, o alicerce da maior e mais completa rede de farmácias do nordeste mineiro.

Desde então, a Farmácia Indiana tem como objetivo garantir a todos, indistintamente, o mesmo grau de atenção, satisfação e cortesia que, entre outros, são fatores diferenciais para transformar clientes em amigos.

Com 18 lojas instaladas (Teófilo Otoni, Governador Valadares, Ipatinga e Coronel Fabriciano), 3 Laboratórios de Manipulação, 3 centros de capacitação profissional, 1 centro de distribuição e 3 novas lojas em fase de implantação, a Indiana é uma das mais modernas e completas redes de drogarias do Brasil; praticando um novo conceito em atendimento, negociação e prestação de serviços, que tem como objetivo estar em plena sintonia com as necessidades e anseios de seus clientes.

Para isso, investe em instalações modernas, amplas e funcionais; na constante especialização de seus profisionais; na qualidade e variedade da sua diversificada linha de produtos (cerca de 18 000 itens); e na diversidade dos serviços que presta à comunidade: Telefarmácia 24 horas, Plantão 24 horas, Crediário próprio, Cartões Credifácil e Fidelidade, Convênios

Empresariais, Ciclos de Palestras, Ações e Programas de Saúde, entre outros.

Todas as filiais Indiana oferecem instalações e serviços padronizados, o mais alto nível em atenção farmacêutica, e atendimento altamente qualificado, ético e confiável. A constante evolução de seu programa de qualidade total, levou a Indiana a ser a única rede da região com filiais e laboratórios de manipulação com certificação ISO 9001- o mais importante e criterioso certificado mundial de padrão de qualidade.

A empresa conta, hoje, com uma equipe de 637 profissionais, viabilizando ainda, através de seus parceiros comerciais e prestadores de serviços, um grande número de empregos indiretos.

Como empresa cidadã, a Rede Indiana de Farmácias participa ativamente do dia-a-dia das comunidades da região em que atua, promovendo o seu desenvolvimento através de patrocínios de eventos e ações sócio-culturais e beneficentes.

As palavras do diretor-proprietário Alexandre Mattar Neto, sintetizam a filosofia de trabalho e a fórmula de sucesso da Rede Indiana de Farmácias.

"Temos como principal missão e desafio, estreitar o relacionamento com nossos Clientes, buscando na excelência do atendimento e dos serviços que prestamos, o principal diferencial para conseguir não apenas satisfazer, como também superar as suas expectativas.

Nosso programa de desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional permanente, reflete a importância de cada um de nossos colaboradores. E tem como objetivo estimular as características de Atenção, Sensibilidade, Comprometimento, Motivação, Bom Senso e Iniciativa de toda a equipe Indiana - principal respon-sável pela imagem e pelo sucesso da nossa empresa."

EXÍLIO

Assim encontrava-se agora. Esta noite não tão fria. Este quarto pequeno, que parece tão grande aos seus olhos perdidos. A fumaça que ocupa o ambiente. O silêncio ferido pelos movimentos rítmicos do relógio. Nada senão o ato de respirar trazendo prá dentro o ar do vício. A fumaça pesada do cigarro que entra se sai, deixando um rastro de calor e um intenso sentimento de incapacidade.

Ela estava de costas. Aquela imagem de mulher foi recebida com agrado pelos seus olhos. Uma boa maneira de chegar naquele lugar. Pessoas iam e vinham e ele só na limitação de percorrer aquela silhueta de perfeição feminina.

E, antes que tudo se diluísse aproximou para senti-la de perto e tentar um contato, como um barco à deriva que avista uma ilha.

Falava de coisas sem importância, tentando apenas estabelecer convivência. Para tanto as palavras emergiam rápido e em grande número. Sentia necessidade de preenchimento de um espaço virtual que sempre existia quando passava por tais situações. A cada movimento dela mais palavras fluiam. De uma forma inicialmente ordenada chegou à completa confusão, e percebeu que ela já não mais lhe dava a mesma atenção de antes.

A ilha parecia cada vez mais distante e ele ficou totalmente perplexo quando surpreendeu-se falando sozinho. Tamanha era a preocupação em preencher o canal que nem percebeu o abandono.

Não conseguiu ficar triste, já não entendia suas próprias reações. Só sabia que em toda sua vida tivera uma enorme capacidade de estar sempre sozinho. Isto talvez explicasse o que estava sentindo. Lembrava-se da infância, quando insistia em se isolar do grupo da escola. Não conseguia se relacionar com ninguém. Vivia na ilusão de que no ano seguinte aquilo estaria sanado, pois via os colegas mais velhos tão integrados naquele uniforme, que ocupava horas do seu tempo imaginando o quanto estaria bem quando estivesse ali.

Qual era sua decepção ao chegar o ano seguinte e nada daquilo acontecer. Ao contrário, o que experimentava cada vez mais era a dificuldade em conviver com o grupo.

Daí, fechava-se, passando a ter como universo um lápis e o caderno . Seu maior passatempo era preenchê-lo com linhas intermináveis. Os desenhos iam da mais simples figura à mais completa abstração, desde que a ponta do lápis não saísse do papel.

E assim foram seus dias por muito tempo. Um lápis com uma ponta infinita que percorria sem rumo uma folha até que o branco desaparecesse.

Em casa sozinho sempre. Só a tv o atraia. O fato de poder ouvir e ver as pessoas sem que elas o vissem era bom. Além de ser mais cômodo desligá-la quando não quisesse ouvir e ver ninguém; o que na escola e em casa era impossível.

Esta sensação tanto satisfazia que por várias vezes ele foi castigado e proibido de se aproximar da televisão, pela insistente mania de se colocar a frente dela ligando e desligando-a inúmeras vezes até que o impedissem. Para ele aquilo era um brinquedo adorável. Melhor que rabiscar caderno. Sentia um íntimo prazer em interromper diálogos com seu dedo sensor. A sensação de poder sobre o discurso dos outros causava-lhe êxtase. Era uma plenitude infantil, mas eficiente para seus ouvidos de impaciência.

Mas naquele momento não havia tv para desligar e por fim àquela situação desagradável.

Aquilo nem doeu pela mulher em si. Afinal, era apenas mais uma das muitas de quem se aproximara daquela e de outras formas igualmente vãs.

A dor veio por conta da reconstatação da solidão. Por um mínimo instante ele pensou que seria o dia em que exorcisaria o fantasma que ocupava sua existência. Contudo pôde comprovar minutos depois que não seria daquela vez que algo de novo aconteceria à sua vida.

Ao mesmo tempo que feria a depressão servia de antídoto, pelo menos a tristeza o abatia de tal forma que sequer conseguia pensar em coisas ruins.

Ainda perplexo dirigiu-se até a porta, limitando a seguir aquele corpo com os olhos até que desaparecesse para sempre, assim como desapareceram todos os outros.

Saiu dali sem saber ainda se seria aquela a última tentativa de aproximação de quem quer que fosse. Primariamente talvez até desconsiderasse a investida. Tanto que se fosse visto e analisado por algum olhar inquisitor pouco notada seria a decepção. Mas na intimidade mórbida onde habitava seu ego, sabia que o desespero, já instalado há muito tempo, logo viria à tona.

Nestes momentos tudo quer aflorar. Os uniformes, a tv da infância, os encontros nefastos, tudo vinha como um filme triste.

Chega então em casa, e se perde no cenário daquela novela, ligando e desligando as pessoas até a exaustão, para depois deixar-se jogar cansado sobre o tecido amarrotado da cama, numa vontade torpe de dormir e nunca mais acordar.

Em 1976 a canadense **JONI MITCHELL** lançou o album "Hejira" um meio caminho entre o folk e o jazz. Hoje trinta anos depois, esse pode ser considerado o melhor disco dos anos 70 e um dos cinco maiores da história do rock. Das suas nove canções, cinco são verdadeiras obras primas, e as quatro restantes são mais do que isso.São hinos atemporais sobre o desespero humano e odes à vida acima de simplesmente viver.Nessas quatro composições, "Amélia", "Song for Sharon", "Refuge for the roads", além da canção título, se resume tudo que há de bom em uma canção popular, letra poderosa. Melodia bem definida e uma sensível atmosfera de integridade e confissão. Em tempo, muito embora quase todos os discos de J. Mitchell sejam muito bons vale a pena salientar três deles: "Blue" 1971; "Court and Spark" 1974 ;"Hissing of Summer Lawns" 1975. R.S.

" Poeira Leve", lançado em 2004, é o segundo disco da cantora brasiliense **ADRIANA MACIEL**. ela reúne várias canções de músicos consagrados e lhes imprimem novos arranjos, numa atmosfera intimista. Com uso de de poucos instrumentos, numa produção minimalista e equilibrada. Os destaques são "Televisão" de Chico Buarque, "Poeira Leve" de Tom Zé, e "Juízo Final" de Nelson Cavaquinho. para quem está carente de novos talentos, uma ótima opção R.L..

O disco " Inclinações Musicais", originalmente lançado em 1981,agora reelançado é um dos melhores da carreira de **GERALDO AZEVEDO**. Além da faixa título, o clássico "Moça Bonita", "Dia Branco", e "Coqueiros" são os pontos fortes do disco. Há também uma versão de "Um Dia" de Caetano Veloso. Da mesma leva foram também relançados Gealdo Azevedo (1977), e Geraldo Azevedo e Alceu Valença - Quadrafônico(1972) R.L..

"O Ócio Criativo", do autor italiano Domenico de Masi. Esse livro é um bom companheiro para os estressados pelo trabalho que sonham em sair da rotina. Publicado em 1995, com várias edições em português em em outros idiomas, esse livro é baseado em entrevistas nas quais o autor explica o seu pensamento sobre o ato de trabalhar. Para ele a evolução tecnológica nos levará a outras formas de viver a vida no futuro. Demonstra sua insatisfação com o modelo social centrado na idolatria ao trabalho, propondo um novo modelo baseado na simultaneidade entre trabalho, estudo e lazer, no qual as pessoas poderão valorizar mais a introspecção, a amizade, o amor, as atividades lúdicas e a convivência. Existem publicações anteriores do mesmo autor onde esse tema também é abordado: "A emoção e a Regra" e "O Futuro do Trabalho". A leitura dessas obras nos faz pensar melhor sobre o destino que damos a nossas vidas. F.M.

A INVASÃO DOS PIRATAS

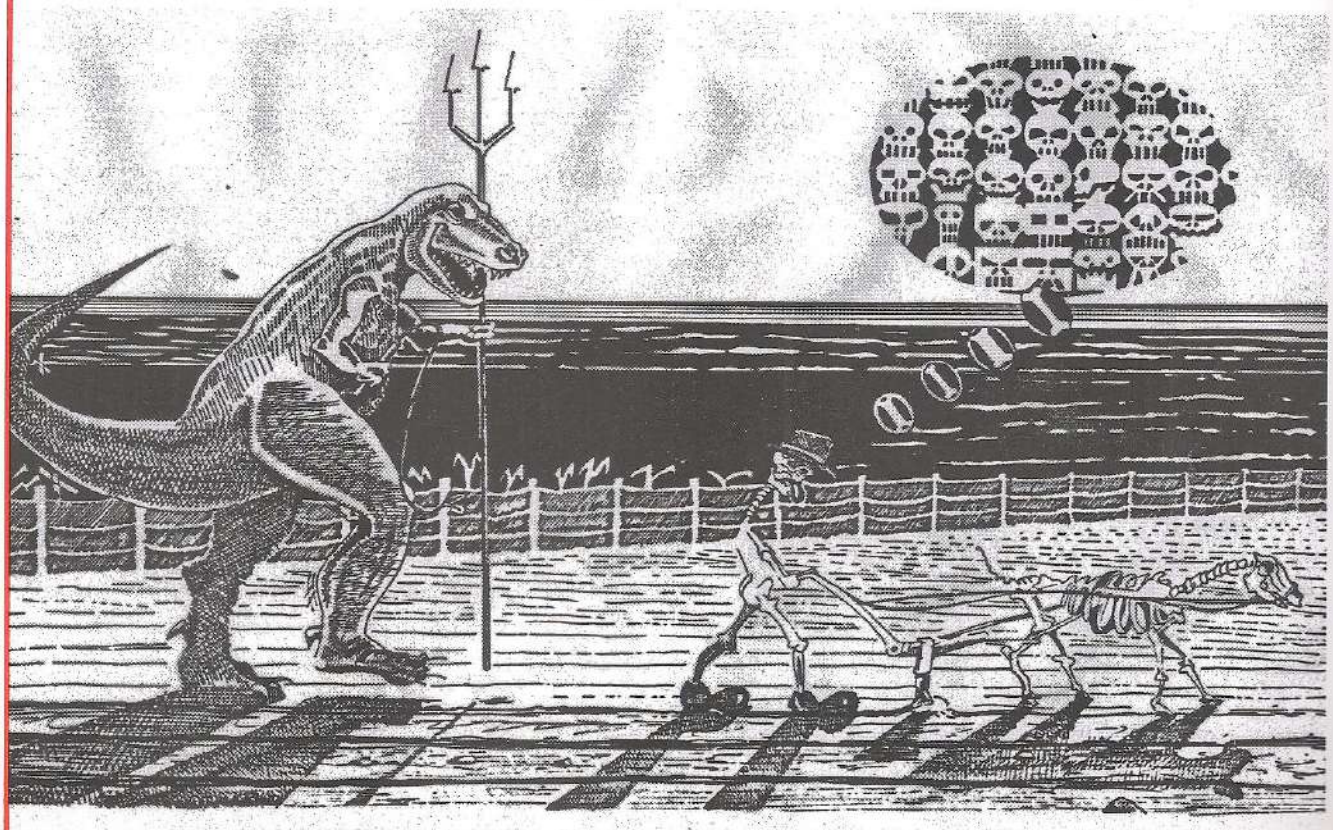
A opressão da ditadura do capital deixa o país com fome. O neoliberalismo tornou violentas as periferias. Os excluídos procuram movimentos de sobrevivência: os sem terra, os sem teto, os sem destino.

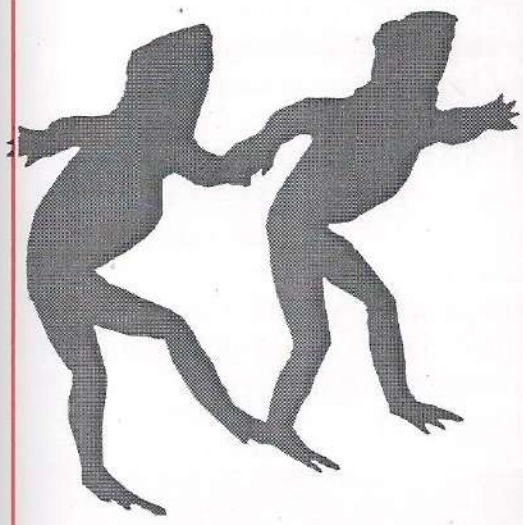
A rebeldia de um povo que teima em encontrar soluções para suas mazelas: se não podemos ter o táxi criamos o mototáxi, se não podemos comer a la carte inventamos o self service. Se a churrascaria é de rico, nós temos o espetinho, que pode até ser de gato.

A pirataria toma conta da nossa terra fazendo um tipo de justiça social às avessas. Recebemos todo tipo de contrabando, realizando todos os sonhos que o pobre brasileiro vê no mundo dos ricos e não pode ter. Espalhadas pelas ruas as tendas informais oferecem os últimos lançamentos em artigos eletrônicos e todos os tipos de mídia.

A indústria de muamba é tão eficiente que começa a vender o pirata mesmo antes do original ser lançado. Os cds piratas fazem literalmente a festa. Tiram o sono dos urubus magnatas das gravadoras, enlouquecem os políticos e seus impostos perdidos, empurrando para a informalidade aquele que um dia acreditou no sistema. E o capitalismo prova do seu próprio veneno.

Esse é um grande país. As instituições que reprimem são as mesmas que criam a sujeira. E você que lê esse panfleto deve achar duplamente estranho: primeiro porque você conseguiu lê-lo até aqui e segundo por não saber seu propósito. Será algum partido político, um lançamento de algum produto anti alguma coisa? Não se preocupe com objetivos, apenas leia e divulgue se achar que deve. A esperança é que você entre em sintonia ou mesmo apure sua visão crítica. Aqui temos apenas o papel, as letras e muitas idéias. Ah! E se achar que isso tem algum sentido pode chamar de arte.





Diáspora

O éter da ilusão na música fúnebre que apavora e acalma a noite urbana, o aroma do sexo atrai o grande nariz da moral cristã - sinto pavor da felicidade prometida.

Um pequeno arsenal de flâmulas negras quase obrigam o vento a se manifestar.

Exército de trevas. Em verdade sua infantaria marcha tranquilamente à luz do dia. Já a tenho assitido durante tanto tempo.

O vulto pusilânime da morte não se decide quanto a minha sorte final. O destino lavou suas mãos em águas gélidas e de súbito não perdi a oportunidade de pecar: bebi dessas mesmas águas.

Só então pude partir deixando para sempre o oásis que me mantinha vivo e ao mesmo tempo me escravizava ante as delícias do deserto.

Doravante que o sol me queime.

Liberdade.

Encontrei finalmente o trio da saudade, mas nele não pude me saciar. A sede ficou em perspectiva.

Quando do impulso primário se seguiria à traição?

A debandada de pássaros negros quase sempre em desalinho contraria o vôo calmo e métrico das aves brancas.

Não há nada de nobre em ser correto, a experiência criativa nunca é mensurável.

Agora torna-se possível celebrar os sortilégios da noite. Invocarei todas as entidades condenadas. Encontrarei neles os companheiros de infortúnio e desse pequeno atalho ante à inencontrável salvação erguerei meu abismo.

Nunca estive numa cidade eterna.

Nunca andei calmamente pelo calçamento rústico de uma rua de casarões históricos.

Nunca pisei em solo sagrado.

Nunca peregrinei pensando levar luz aos anseios pagãos.

Nunca ocultei sob roupas leves o suor da covardia.

Nunca suei de covardia.

Ao contrário, sempre a abracei sem o menor esforço. Tanto que tive de recuar e, voltar ao velho oásis, derrotado pelo medo - o medo me apavora e dele ouvi em tom melancólico: Tens indiossincraticamente, teu espaço vital.

Calor e falta de grana levam teófilootonenses ao desespero.

A onda de calor que tem assolado a cidade e a terrível situação financeira, sofrida por expressiva parcela da classe média de Teófilo Otoni, fez com que alguns pais de família, num ato de insano desespero, optassem por levar a patroa e filhos para gozarem de um refrescante relax à beira do rio Todos os Santos. Sabe-se de casos em que tal decisão gerou o maior barraco nos lares das ditas famílias. Mas os pais cheios de razão conseguiram emgambelar dona patroa e a filharada com alguns argumentos do tipo " eu me mato prá pagar a mensalidade caríssima de sua escola minha filha", "não suporto mais esta ganância tributária do governo Lula, mulher, vamos ter que nos virar é por aqui mesmo".Dito e feito. No início a coisa despertou a curiosidade das pessoas que circulavam pela avenida Luiz Boali, e à medida que o calor abrasava, alguns mais espertos resolviam aderir à ideia, o que de imediato gerou conflito pela posse das áreas mais nobres às margens do refrescante riacho. Impasse que foi solucionado quando cs mais jovens das famílias envolvidadas se reconheceram e lembraram dos bons tempos, verões das vacas gordas, em que frequentavam as praias do sul da bahia e os clubes da cidade. A paz voltou a reinar. Mas a demanda pelo espaço faria com que a curto prazo o local se transformasse em um barril de pólvora. O governo municipal achou por bem não se envolver na situação, pois faltavam alguns dias para passar a administração adiante. E, quando o governo chegante já havia nomeado uma comissão para estudar o assunto, eis que São Pedro resolve despejar água sobre Teófilo Otoni. Um verdadeiro dilúvio. Por pouco os criativos veranistas não foram tragados pelas águas do rio, não deu tempo nem de desarmar as barracas. Testemunhas dão conta de que senhoras e moças em trajes sumários, algumas de fio-dental, escalaram em pânico os gabiões para salvarem suas preciosas vidas. Impróperios foram ouvidos das furiosas patroas contra seus aterrorizados maridos. "Foi a mão da providência", exclamou o pastor e taxista, que prontamente prestou socorro aos desafortunados veranistas e os conduziram para casa. Até hoje alguns senhores e senhoras,vítimas de tal sinistro, são vistos na ponte do Raynices, olhando de sorrelfa para as margens do rio, na esperança de encontar uma sombrinha de praia, uma garrafa térmica. Quem sabe uma sunga...

veranistas acampam na ponte do mercado municipal no verão da grana curta

TIPO CÓPIAS

COPIADORA - GRÁFICA RÁPIDA - COMUNICAÇÃO VISUAL

www.tipocopias.com.br - 33.3522.3459

copiadora

Cópia P&B
Cópia P&B Digital
Cópia Colorida
Cópia de Engenharia
Plotagem de Planta
Ampliação e Redução
Plastificação e Laminação
Encadernação
Serviço de Fax e E-mail

gráfica rápida

Arte-final e Logomarca
Cartão de Visita Digital
Cartão de Visita Fotográfico
Cartaz e Mala-direta
Convite e Lembrança
Crachá
Diploma e Certificado
Impressão e Escaneamento Digital
Fotografia Digital
Gravação de Disquete e CD

comunicação visual

Adesivos
(Impressão Digital para parede, piso, vidro, etc)
Banner

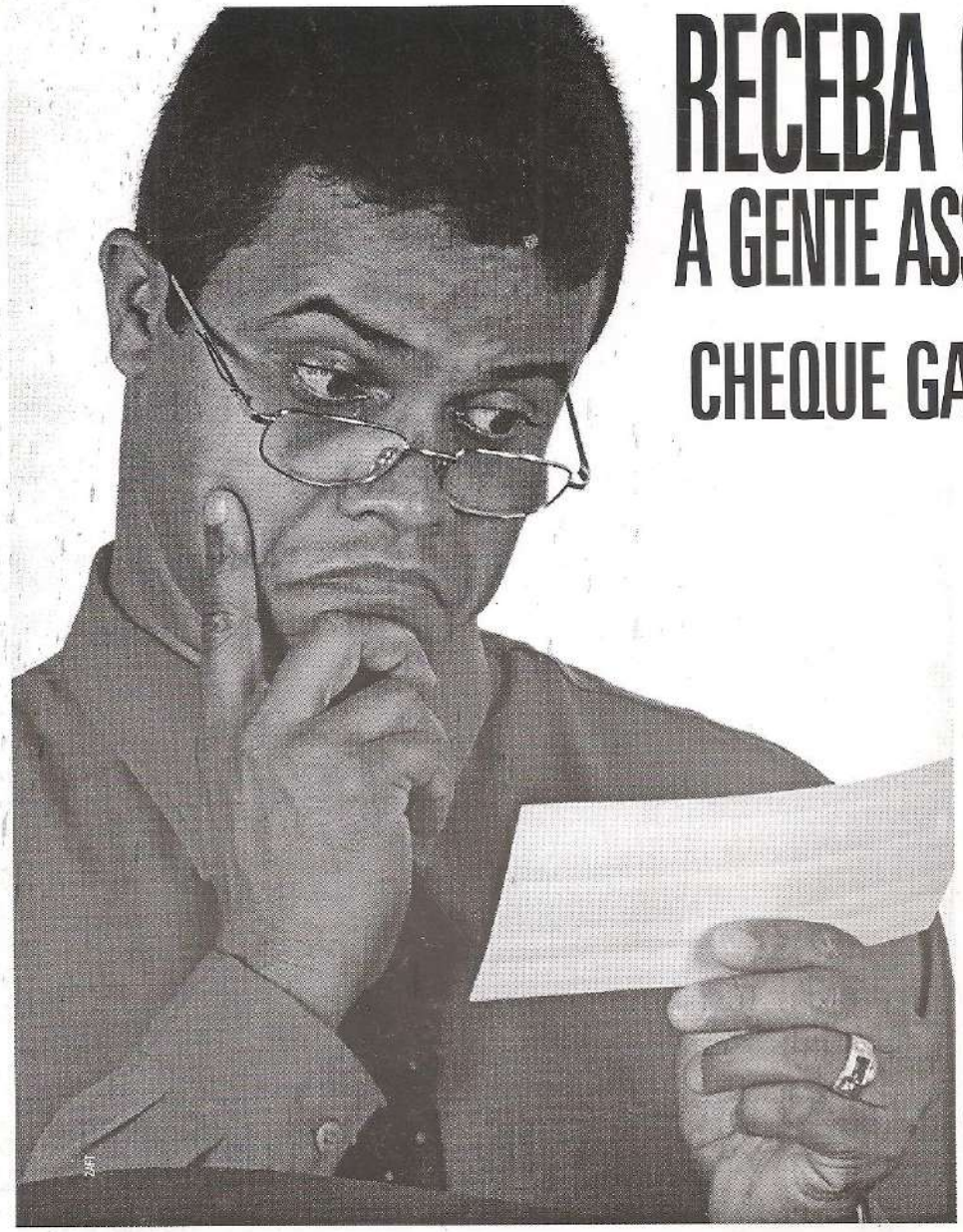
Adesivos de Recorte
Frontlight

Backlight

Adesivação de Veículos
(Impressão Digital e Recorte)
Busdoor
(externo e interno)

SOLICITE JÁ A VISITA DO NOSSO VENDEDOR

Rua Engenheiro Antunes, 171 - Centro - Teófilo Otoni - MG - tipocopias@tipocopias.com.br



RECEBA O CHEQUE!
A GENTE ASSUME O RISCO.

CHEQUE GARANTIDO CDL

A CDL de Teófilo Otoni está oferecendo aos seus associados uma eficiente solução de crédito. É o CHEQUE GARANTIDO CDL. Com ele sua empresa terá a garantia de recebimento dos cheques, minimizando o risco e reduzindo o prejuízo causado com as devoluções.

VEJA OS BENEFÍCIOS

- Ressarcimento de 30% a 100% dos cheques devolvidos.
- Maior segurança ao lojista, permitindo ampliação nas vendas com cheque.
- Análise de crédito eficiente.
- Liberação do associado de atividades administrativas como:
  - Cobrança dos cheques devolvidos
  - Notificação e registro do cheque no SPC
  - Exclusão do débito no SPC, em caso de recebimento
- Ganhos para o lojista, ao evitar o recebimento de cheques restritivos e ao receber o ressarcimento dos cheques devolvidos.
- Melhor relação de custo-benefício se comparado a outros serviços como financeiras e cartões de crédito.
- Relatórios para acompanhamento do comportamento das vendas com cheques do período.
- Banco de dados integrado ao SPC Brasil, fornecendo informações completas de cheques, crédito e histórico do emitente.
- Padronização do atendimento através de treinamento para caixas e vendedores, permitindo maior conhecimento e atenção no recebimento de cheques.

PROCURE A CDL. SAIBA MAIS SOBRE ESTE SERVIÇO QUE BENEFICIA AS VENDAS ATRAVÉS DO SEGUNDO MEIO DE PAGAMENTOS MAIS UTILIZADO PELOS CONSUMIDORES: O CHEQUE.

CDL
Câmara de Dirigentes Lojistas de Teófilo Otoni